

TURMA 2017

UMA NOVA ORDEM REESCRITA: VIVA O POVO BRASILEIRO

Adilton da Cruz Santana¹

Resumo: O presente trabalho visa apresentar algumas incursões sobre a obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, na perspectiva de representação cultural das chamadas minorias sociais, bem como apresentar através do discurso literário e histórico-ficcional discussões sobre os processos da historiografia oficial que foram utilizados para representar e favorecer alguns grupos sociais. Assim, o artigo faz uma problematização sobre a função da arte literária e a literatura moderna na era da indústria cultural. Aborda a Literatura como um potencial discursivo que se confunde com o real. E por fim, reitera o caráter relacional/dialógico entre os discursos da literatura e sociedade na formação da identidade nacional do Brasil no romance em questão.

Palavras-chave: Literatura. Crítica cultural. Subalternidades.

INTRODUÇÃO

Aporta na literatura um dizer sobre um (re)contar as avessas, um percorrer insubmisso que refaz a história não eliminando-a como versão unívoca, porém, sim, invertendo os signos como um instrumento de explosão interna que se utiliza dos códigos do colonizador e os usa em demasia extensiva para inquirir as versões heróicas unilaterais que constituíram o registro de formação do Brasil.

Essa cartografia de uma linha de força [...], além de afirmar a cultura do excluído, se esforça para criticar certa noção de escritura, propondo, nesse gesto, uma outra função social para a literatura ou, mais abrangentemente, uma outra função social para uma certa textualidade contemporânea. (SANTOS, 2013)

Viva o povo brasileiro, uma inscrição que pode ser tanto um grito exclamativo de brado aos gentílicos, quanto também pode conter certa ambivalência irônica em que coexistem de duas adjetivações ao povo: uma negativa, que e corrói a imagem identitária formativa de determinados grupos étnicos, como mecanismo mantenedor de poder; e outra em que adjetiva positivamente esses mesmos grupos e os põe no centro para evocar as marginalidades que ferem as estruturas centralizadoras de conhecimento.

A obra sinaliza problemáticas culturais que perfazem incursões identitárias ora etnocêntricas, uma vez que os personagens ainda são definidos e vistos pela ótica, ora tenta distanciar-se das

¹ Graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa (UNEB). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Arivaldo de Lima. Endereço eletrônico: adilton.zurc@gmail.com.

prisões conceituais pondo em cheque os discursos da História e função do texto literário que se faz histórico ao redimensionar posições paradigmáticas na chamada ordem do discurso. (FOUCAULT, 1996)

O cultural aqui compreende tudo aquilo que gravitar no humano e nas suas manifestações de humanidade. Nisto, implica as representações, o conhecimento e as produções de sentidos através dos signos e algumas implicações em que o termo cultura pode gerenciar devido a abrangência conceitual que há em si, nos encontramos atualmente encurralados entre noções de cultura demasiadamente amplas para serem úteis e desconfortavelmente rígidas, sendo a nossa necessidade mais urgente avançar para além delas (EAGLETON, 2005). A linguagem que representa se torna uma arma a favor do questionamento da própria representação. Discursos são postos em análise, problematizados a ponto de não se esgotar os inúmeros significados a eles atribuídos, porém, sim, submetê-los ao crivo crítico que reencontra uma funcionalidade metodológica na produção dos saberes.

Em oposição aos modelos de historicidade hegemônica é que se encontra o romance *Viva o povo brasileiro*, em uma narrativa extensa, repleta de simbolismos que coadunam num recontar os interstícios épicos da cultura subalterna.

Para além da extensão da obra há também uma metáfora que diz sobre a produção e traz à luz uma vontade insubmissa de demarcar um território literário na globalidade que indefine os escritores latinos.

É a literatura que se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz uma solidariedade ativa apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou à distância de sua frágil comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE; GUATTARI, 1977).

À luz desta visão, a produção ubaldiana convida as centralidades literárias europeias a um lugar sem centros e formas. Ou, talvez, os centros nunca tenham realmente existido, sendo apenas constructos colonialistas pensados para a produção de um discurso de sujeição cultural nos chamados povos sem cultura. O político é também literário imbricado em conexões que dialogam com temáticas relativas ao povo. A produção literária dos anos finais da década de oitenta, chamada era modernista, traz consigo um engajamento não apenas estético, herança da profusão de vanguarda da Semana de Arte Moderna, porém, sim, ideológico, atento às minorias subalternizadas que desvelam o controverso Brasil.

ARTE EM EXPERIÊNCIA

Tornar o discurso de um personagem em objeto de análise é um desafio a ser superado em detrimento das interpretações inerentes ao próprio discurso que presentifica o personagem. Atribuir sentido crítico as evocações de um autor que fala por meio de um personagem e que não é fala e discurso do autor, pois este não pode conter o fluxo criativo ao produzir, criar, sua obra. Utilizar o signo linguístico consciente dos efeitos de sentidos que ele irá produzir na sociedade não é uma competência que subjaz a produção do autor.

A arte não se submete a moldes. Ela cria caminhos para que os homens a acesse e produzam bens que eternizem a experiência humana. O contato com a arte, materializada em qualquer objeto artístico, seja quadro, canção, romance, oportuniza o homem uma saída do banal cotidiano. Agamben (2005), fala sobre a teoria da experiência como o sintoma de um mal-estar característico do homem hodierno que retorna ao seu universo “insigne” extenuado por uma sorte de eventos tipificados em uma realidade impossível de ser considerada experiência. Porém ao homem que se moderniza foi dada capacidade de criar. Uma espécie de artifício deístico que reinventa a existência humana através da arte. Para deixar sobreviver os resquícios de humanidade que restou dos mutilados do pós-guerra.

Se os efeitos da guerra nulificam a experimento do real, a arte produz emplastos para alma humana permitindo-o amenizar sua existência e sobreviver à barbárie. Embora esta concepção não seja unânime, pois há uma problemática no conceito da arte e sua funcionalidade na modernidade que aponta para a instauração de uma instabilidade sobre o caráter funcional dado ao seu “fim”. Postulado por Hegel o “fim da arte” erigiria fricções conceituais que revolveria mais ainda as noções de arte no campo filosófico na contemporaneidade.

No interior de grandes períodos históricos a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência (BENJAMIN, 1985, 169). Os conceitos que dissolveram noção da arte se modelam a racionalidade existencial. A arte em um sentido ontológico não condensa mais paradigmas arcaicos ligados a tradições clássicas. Se a arte tem sua finitude anunciada o artista tem seu lugar questionado.

O artista é aquele que é capaz de usar uma linguagem, no sentido amplo do termo, seja ela qual for, por meio de uma técnica ou técnicas capaz de dialogar com o mundo. Um escritor não escreve para guardar para si mesmo aquilo que escreveu um pintor não pinta um quadro para escondê-lo, um cantor não canta para si mesmo, aquele que faz uso de um artifício artístico não o produz como objeto solitário, isolado de sua objetividade sígnica.

O artesão da cultura em sua linguagem visa que seus processos artísticos e/ou objetos entrem em contato com o mundo e de alguma forma interaja com os fruidores de sua arte. O diferencial nesta relação está contido na forma técnica que o artista utiliza para dialogar com o mundo.

O contemporâneo, moderno, trouxe consigo o aperfeiçoamento das técnicas humanas e a objetividade reprodutiva das obras artísticas. Produções seriadas em indústrias massificam o exercício da arte conferindo-lhes um caráter pusilânime da crítica social. As populações são reduzidas a uma homogeneidade cultural massificadora que não lhes permite a produção de crítica de pensamento, pois os meios de comunicação já o fazem.

A indústria cultural secciona campos como cultura, cidadania e comunicação utilizando-os como mecanismos na administração mercadológica da cultura.

UMA LITERATURA POTENCIAL

A literatura capaz de concentrar, o veneno e o antídoto em um paradoxo ambíguo que consegue ocultar os significados e produzir sentidos ao mesmo tempo. Uma literatura menor compreendida na perspectiva Deleuze que traz em sua potência a revolução.

O uso da Literatura para debates e discussões de temáticas recorrentes na sociedade é uma tônica ascendente nos estudos literários. A muito tem se discutido sobre o papel que Literatura – um fazer artístico – ocupa ao se propor representar a realidade ou o quanto da realidade cotidiana contém na Literatura. A natureza engendra semelhanças: basta pensar na mímica. Mas é o homem que tem a capacidade suprema de produzir semelhanças. (BENJAMIN, 1985, 109)

Sobre este caráter dialógico entre os fatos constituintes da realidade e a Literatura, é que o presente trabalho sistematiza e propõe algumas reflexões acerca da função da arte literária e sua relação com a sociedade, bem como, a presença na Literatura de outros campos do saber que nela ajuda a aproximar cotidiano e ficção.

A partir deste cenário literário aparente ficcional criado por João Ubaldo Ribeiro, serão construídos fatos, relações e tramas históricas que rediscutem a formação da identidade nacional pensada e contada pela perspectiva dos subalternizados ao longo da Historiografia Oficial.

O romance VPB retira das ruínas da linguagem do mundo contemporâneo um operador, a memória de um povo excluído, para encenar outro acordo entre aqueles que detêm a riqueza e o poder (1/3) e aqueles destituídos de cidadania e qualidade de vida (2/3): haja vista que, pelo andar da carruagem, o ódio (ou a ausência de vontade política, o que dá no mesmo) que circula em torno dessa possibilidade de redistribuição da riqueza não cessará a preparação de uma dizimação em massa (nada mais justo que esse 1/3 usufrua dos bens culturais conquistados e refaça a humanidade, pensam alguns), mas é bem provável que os

deuses dos excluídos, que não cessam de retornar, estejam também a maquirar planos não menos sutis (SANTOS, 2013).

É dessa fronteira entre os discursos sociais, literários, críticos que a Literatura se ocupa, erigindo interpretações, deslocando lugares e sentidos em espaços inabitáveis a outras ciências consideradas mais rígidas que visam cumprir uma comprovação científica dos fatos. Na Literatura há o novo, subversivo, indisciplinar e permissivo, característico apenas a linguagem produzida pelo homem. A literatura, enquanto expressão da vontade humana de dizer, de escrever o mundo, se propõe a esse ato criativo, presentificador e crítico. (SEIDEL, 2007, p. 39)

O autor constrói um fazer literário e este, por sua vez, foge ao seu domínio. Torna-se objeto de análise e outras vezes ganha dimensão superior ao seu criador. Sendo submetida ao crivo e análise das lentes opacas dos críticos e estudiosos. O caminho a ser percorrido na Literatura a serviço do discurso que diz sobre, comunica e/ou esconde algo traduz anseios de típicos das definições. A Literatura em seu universo construtor de sentidos não se faz sozinha, antes necessita de um panteão divino de outros lugares discursivos para ser a Literatura. Debate demais sobre questões gerais cuja relação com a literatura não é evidente, leitura demais de textos psicanalíticos, políticos, filosóficos (CULLER, 1999, p. 11). Tanto em sua acepção estético literário quanto conjunção específica de linguagem em determinada área campo.

O pensar Literatura, em uma acepção rasa e superficial, nos conduz a uma ideia de estudo específico dos cânones, objetos inacessíveis, engessados em paradigmas analíticos, compreensíveis apenas aos entendidos, interpretados adequadamente por poucos. Porém esta noção se dissolve e não se sustenta ao considerarmos os sentidos que uma dada obra, seja contemporânea ou clássica, pode estabelecer com o outro que a lê e, por conseguinte, a frui, tornando assim sua lente para interpretar o mundo e construir sentidos próprios e funcionais com a sua vida e sociedade que está inserido. O livro imita o mundo, como a arte, a natureza: por procedimentos que lhes são próprios e que realizam o que a natureza não pode ou não pode mais fazer (DELEUZE, 1997, p.12).

O texto literário não se exime dos significados que se processam em construção direta com o outro que o consome. O fazer literário constrói caminhos que perpassam os limites do real. Projeta “cenários” imaginários que se materializam nas letras, produzindo sentidos, identificação, rejeição, sujeição e tantas outras sensações impossíveis de descrever em linhas gerais.

A palavra em si não é capaz de exprimir o real humano. Ela pode criar conceitos, forjar pensamentos, produzir ideologias, porém, extrair do humano suas idiosincrasias reais em signos materiais não há como.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo este trabalho com a certeza de que as temáticas aqui discutidas não se esgotam por aqui. A literatura, área do conhecimento, é o veículo que se debruça sobre o rio corrente do imaginário humano, um fio que tece novos bordados sobre a colcha de retalhos da vida e dela constitui-se novos olhares em volta desse ser histórico chamado “homem”.

Por esta razão, compreendo que a literatura possui uma função propagadora de conhecimentos e saberes que são imprescindíveis para a construção da identidade cultural de um povo e (des)construção das formas dominadoras de educação e colonização. Ela é também um dos instrumentos potencializadores na ruptura de paradigmas sejam eles sociais, econômicos, culturais, literários, étnicos, educacionais e etc. E no período atual não há mais espaço para a reprodução de discursos preconceituosos, estigmatizadores, intolerantes, misóginos discursos que neguem a humanidade de qualquer indivíduo.

Entendo que a relação entre a literatura, história e sociedade, nos permite compreender o panorama dos espaços de poder estabelecidos no campo discursivo. A literatura e a história servem como lugar de afirmação desses espaços, porém, sem domínio de um grupo hegemônico. Nesta perspectiva, a literatura no seu campo construtor de significados e sentidos, a história como cenário narrativo sob o qual serão encenadas as relações e a sociedade palco no qual essas tramas serão processualmente construídas.

Portanto, a reconstrução de novos significados e sentidos na contemporaneidade se faz necessária para o campo de discussão da literatura ficcional moderna como também para a área dos estudos das humanidades.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*. Vol. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

CUNHA, Eneida Leal (2007). *Viva o povo brasileiro: história e imaginário. Portuguese Cultural Studies*: Vol. 1: Iss. 1, Article 3.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, v. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2021/1594>>.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Loyola, 1996.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva. 639p. 2011.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo Ribeiro*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1996.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Viva o povo brasileiro: escrita e fabulação antropofágica*. Ipotesi (Juiz de Fora. Online), v. 17, p. 153 - 164, 2013. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/Ipotesi_17.1-CAP13.pdf

SEIDEL, Roberto Henrique. *Embates Simbólicos: Estudos Literários e Culturais*. Recife: Bagaço, 2007.

